

ULYSSES PERNAMBUCANO – O FUNDADOR DA ESCOLA PSIQUIÁTRICA DE PERNAMBUCO

Antônio Medeiros Peregrino da Silva
Médico-Psiquiatria e Presidente da Academia Pernambucana de Medicina



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco

O estado de Pernambuco abriga o que pode ser considerada uma autêntica Escola de Psiquiatria. Trata-se da Escola Psiquiátrica do Recife, também chamada de Escola Pernambucana de Psiquiatria ou, como descreveu o psicopatologista Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior, a “Escola de Ulysses Pernambucano”.

Essa corrente de pensamento e prática foi inaugurada pelo eminente médico Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho, desde que se radicou no Recife, no início da década de 1920, após graduar-se em Medicina no Rio de Janeiro.

Ulysses Pernambucano nasceu no Recife, em 6 de fevereiro de 1892. Filho de uma família tradicional e economicamente privilegiada, foi alfabetizado em casa, como era comum na época. Seus pais, Dr. José Antonio Gonsalves de Mello (jurista) e Maria da Conceição de Mello, garantiram-lhe uma formação precoce e sólida, mas, como ainda não existia faculdade de medicina em Pernambuco, o jovem Ulysses mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu o curso médico em 1912 com apenas 20 anos de idade. Sua tese de doutorado, “Algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis”, já revelava seu interesse pelas doenças

neuropsiquiátricas, porém, mesmo durante a graduação, atuara como interno no serviço do renomado Prof. Juliano Moreira, no Hospital Nacional de Alienados, adquirindo conhecimentos que norteariam toda a sua carreira profissional.

Após a formatura, retornou a Pernambuco e fixou-se inicialmente na cidade de Vitória de Santo Antão, na zona da mata do Estado, onde exerceu a medicina como clínico geral, uma vez que percebeu as necessidades da população local como algo maior do que uma única especialidade médica.

Em 1915, mudou-se para Lapa, no Paraná, onde casou-se com sua prima, Albertina Carneiro Leão, com quem teve dois filhos: José Antonio Gonsalves de Mello Neto e Jarbas Pernambucano de Mello – este último seguiria os passos do pai, tornando-se médico e professor da Faculdade de Medicina do Recife, para onde a família voltou em 1916.

Definitivamente estabelecido no Recife, a partir de 1918 Ulysses intensificou sua produção acadêmica e atuação pública. Nesse ano, concorreu à cátedra de Psicologia Médica e Pedagogia da Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco, com a dissertação “Classificação das crianças anormais”. Apesar de aprovado em primeiro lugar, não foi nomeado por interferência política do então governador Manoel Borba, que deu preferência a contratar o segundo colocado. Não se deixando abater, Ulysses prestou e venceu novo concurso, mais uma vez obtendo em primeiro lugar, desta vez para a disciplina de Lógica, Psicologia e História da Filosofia no Ginásio Pernambucano, onde iniciou oficialmente sua carreira como docente.

Entre 1923 e 1927, dirigiu a Escola Normal, a mesma onde outrora fora preterido, desta vez nomeado pelo governador Sérgio Loreto. À frente da instituição, realizou reformas profundas: aboliu critérios de ingresso baseados em idade cronológica ou apadrinhamento político, adotando exames de seleção e avaliação da “idade mental” para ingresso no curso pedagógico. Criou também o Serviço de Visitadoras, um embrião do que atualmente é denominado de Serviço Social, promovendo uma ligação entre escola, comunidade e saúde das alunas.

Dedicando-se ao estudo das chamadas “crianças anormais”, Ulysses propôs em 1923 a criação de uma escola específica para crianças com necessidades especiais, ideal que foi concretizado com denominada Liga de Higiene Mental de Pernambuco, entidade que ele próprio ajudou a fundar.

Em 1925, criou o Instituto de Psicologia, o primeiro do Brasil, dedicado à assistência e pesquisa em psicologia clínica e psicopedagogia. Ulysses defendia que o cuidado com a saúde mental ia muito além do uso de medicamentos, valorizando a compreensão e escuta dos pacientes. Como escreveu em 1926: “E não se contam os doentes que não precisam de drogas nem de conselhos banais, mas que anseiam por serem compreendidos; eu me esforço todos os dias por cumprir esse dever elementar: o de compreender os pacientes.”

O interesse de Ulysses por psicopedagogia e testes psicométricos, como o Teste de Rorschach, influenciou toda uma geração de psiquiatras. O professor Othon Bastos, da terceira geração da Escola Psiquiátrica do Recife, afirmava que a integração entre técnicas psicológicas e psiquiatria clínica se tornara uma marca registrada da escola fundada por Ulysses Pernambucano.

Sua atuação também se destacou na área médica-psiquiátrica. Entre 1924 e 1926, foi diretor do Hospital de Alienados da Tamarineira (atual Hospital Ulysses Pernambucano) promovendo uma revolução nos cuidados em saúde mental. Abandonou o modelo puramente hospitalar e instituiu ambulatorios, medidas preventivas e ações comunitárias.

Durante toda sua vida profissional, foi um primoroso e atuante psiquiatra com visão extensiva e futurística.

É dele a instalação da praxiterapia – a atual terapia ocupacional – quando incentivou a criação de hortas e jardins como forma de melhorar clinicamente os pacientes internados; foi de Ulysses a ideia – e execução – de ir a jornais e rádios da época para ofertar informações sobre a doença mental e suas terapêuticas, inaugurando o que modernamente chamamos de psicoeducação; foi Ulysses quem interiorizou os serviços psiquiátricos em Pernambuco ao criar os hospitais-colônias que permitiram aos pacientes serem tratados perto de suas casas e de seus familiares. Ulysses Pernambucano destacava na década de 20 (Século XX) a necessidade de uma compreensão abrangente da pessoa doente estimulando os estudos de psicologia e psicopedagogia. Foi dele a criação do Instituto de Psicologia de Pernambuco, o primeiro do Brasil. Em 1926 escrevia o artigo “A necessidade de compreender os doentes”.

Incentivava também a busca por medidas preventivas, chamadas de higiene mental e comunitária e apontava para a importância da inter e multidisciplinaridade na psiquiatria.

Com essas características, foi descrito pelo sociólogo Gilberto Freyre como “um psiquiatra para além da psiquiatria; com alma de sanitarista; um psicólogo e um psiquiatra alongados em cientista social”.

Em sua conferência no III Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, em 1943, foi enfático: “A maioria das psicopatias é fruto de nossa incúria ou de nossa ignorância [...] A atitude dos que resistiram diante dos que baquearam deveria ser a da compreensão e do auxílio.”

No ensino universitário, começou lecionando fisiologia, com ênfase no sistema nervoso. Em 1938, assumiu a cátedra de Neurologia Clínica da Faculdade de Medicina do Recife (hoje Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), embora nunca tenha ocupado formalmente a cadeira de Psiquiatria. Isso, no entanto, jamais limitou sua contribuição à área.

Ainda em 1938, fundou a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil, sucessora da Liga Pernambucana, e o periódico Neurobiologia, que circulou por mais de seis décadas. A Sociedade organizou congressos nacionais, como os de João Pessoa (1938), Aracaju (1940) e Natal (1943), ampliando o debate sobre a psiquiatria brasileira.

Sua trajetória sofreu um duro golpe em 1935, quando, por conta de suas ideias progressistas e críticas ao modelo puramente manicomial, foi preso durante a Intentona Comunista, acusado injustamente de envolvimento. Permaneceu detido por 40 dias, foi perseguido politicamente e acabou aposentado compulsoriamente do Serviço Público em 1937.

A injustiça refletiu-se em sua saúde física, que declinou após um enfarte. Ainda assim, manteve-se intelectualmente ativo e, em 1936, fundou o Sanatório Recife, uma clínica privada de referência em psiquiatria, onde se reunia com colegas e ex-alunos para debater casos clínicos e realizar estudos.

Mesmo fora do serviço público, seguiu participando da vida científica do país. Frequentou congressos, publicou dados de suas pesquisas e ministrou conferências até seus últimos dias. Em 1943, com 51 anos, foi vítima de um segundo enfarte, que pôs fim à brilhante carreira de médico de visão abrangente e inovadora.

Sua morte marca o início da segunda geração da Escola Psiquiátrica do Recife, formada por discípulos que perpetuaram seu legado.

Presentemente, a Sociedade Pernambucana de Psiquiatria outorga anualmente a “Medalha Ulysses Pernambucano”; é a comenda maior com que psiquiatras da Escola de

Ulysses podem ser homenageados por uma prática clínica e humanística que se aproxime daquela inaugurada pelo Mestre.

Encerramos com as palavras de Ulysses em seu último congresso:

“Queremos doutrinar os que ignoram, corrigir os que erram e aplaudir os que o merecem. O que não se fará jamais – eu o espero – será tolerar a injustiça e apoiar a iniquidade.”

Assim era Ulysses Pernambucano: médico, pensador, educador, reformador – um homem à frente do seu tempo.

Referências

Andrade MdCd. **Ulysses Pernambucano**, 2009.

Medeiros A. Ulysses Pernambucano, psicólogo. In: Rosas P, editor. **Memória da Psicologia em Pernambuco**. 1. Recife: UFPE - Editoria Universitária; 2001. p. 67-81.

Piccinini WJ. Ulysses Pernambucano e a Psiquiatria Social. **Psychiatry on line Brasil** [Internet]. 2012 28/10/2019; 17(3).